

## A AFETIVIDADE COMO FERRAMENTA NO PROCESSO DE INCLUSÃO ESCOLAR

Jéssika Araujo Rodrigues <sup>1</sup>  
Fabrício Freitas dos Santos <sup>2</sup>  
Elisangela Maria de Oliveira <sup>3</sup>  
Maria Aurioneida Carvalho Fernandes <sup>4</sup>

### RESUMO

Pretendemos, com este artigo, discutir o processo de inclusão/exclusão escolar a partir da perspectiva afetiva, em um processo dialético entre educador e educandos. Entendendo que a inclusão escolar não se restringe à visão multifacetada da deficiência, buscamos mostrar a necessidade de discutir a respeito das diferenças, entendida como a singularidade de cada um. Queremos, ainda, mostrar a importância e a necessidade da afetividade para aprendizagem. A afetividade é um fator importante no relacionamento educador/educandos. Esse relacionamento afetivo é imprescindível para o desenvolvimento da inteligência e, por consequência, da aprendizagem. Por conseguinte, a afetividade é um fator de inclusão/exclusão escolar.

**Palavras-chave:** afetividade, inclusão escolar, aprendizagem.

### INTRODUÇÃO

As variáveis afetivas tiveram seu impulso com a publicação dos PCNs (1997), mostrando que a ansiedade poderia gerar situações desfavoráveis à aprendizagem, resultando, assim, em um bloqueio. Os PCNs (1997, p.98), em sua parte introdutória, afirmam que: “os aspectos emocionais e afetivos são tão importantes quanto os cognitivos, principalmente para os alunos prejudicados por fracassos escolares ou que não estejam interessados no que a escola pode oferecer”. Não há afetividade nem aprendizagem quando o educando não está imbuído pelo espírito de aprender. Dessa forma, o educador necessita estar atento e tornar o ensino contextualizado promovendo a aprendizagem significativa. É ainda nos PCNs (1997, p.93) que encontramos a declaração de que devemos potencializar a disponibilidade do educando para a aprendizagem significativa, já que o educando “precisa tomar para si à necessidade e a vontade de aprender”.

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Faculdade Uninassau, [jessikarodri12345@gmail.com](mailto:jessikarodri12345@gmail.com);

<sup>2</sup> Especialista pelo Curso de Psicopedagogia da Faculdade Internacional do Delta - FID, [fabryson@gmail.com](mailto:fabryson@gmail.com);

<sup>3</sup> Graduada do Curso de Biologia da Universidade Federal do Piauí - UFPI, [elisangela@redeskynet.com.br](mailto:elisangela@redeskynet.com.br);

<sup>4</sup> Especialista pelo Curso de pedagogia Faculdade UNINASSAU, [aurioneida@yahoo.com.br](mailto:aurioneida@yahoo.com.br).

De acordo com (MATURANA, 1999, p.15) “vivemos uma cultura que desvaloriza as emoções, e não vemos o entrelaçamento cotidiano entre razão e emoção, que constitui o viver humano, e não nos damos conta de que todo sistema racional tem um fundamento emocional”. Portanto, entendemos que existe uma relação entre afetividade e racionalidade dentro da sala de aula. Para WALLON (*apud* ALMEIDA, 2004, p.82) “a emoção só será compatível com os interesses e a segurança do indivíduo se souber se compor com o conhecimento e o raciocínio”, trazendo o aluno para a aprendizagem significativa.

Segundo (RIBEIRO e JUTRAS, 2006, p.43), a afetividade contribui para a criação de um clima de compreensão, de confiança, de respeito mútuo, de motivação e de amor que podem trazer benefícios para a aprendizagem escolar. Desse modo, é imprescindível olhar a afetividade de cada aluno bem como do educador. Como afirma Arantes:

“os sentimentos, as emoções e os valores devem ser encarados como objetos de conhecimento, posto que tomar consciência, expressar e controlar os próprios sentimentos talvez seja um dos aspectos mais difíceis na resolução de conflitos. Por outro lado, a educação da afetividade pode levar as pessoas a se conhecer e a compreender melhor suas próprias emoções e as das pessoas com quem interagem no dia-a-dia”. (ARANTES, 2002, p. 172).

Em (PÉREZ-GÓMEZ, 2000, p.95), temos que “o aluno aprenderá de forma relevante o que considere necessário para sobreviver com êxito na escola, o que venha exigido pelas peculiaridades da cultura escolar”. Podemos perceber que o educando aprende envolto por um misto de sentimentos, de emoções e de sensações, que se originam nos fatores motivadores para a aprendizagem.

Ainda em (PÉREZ-GÓMEZ, *op.cit.*, p.87) temos que “somente se pode transformar significativamente o conhecimento que a criança utiliza, ou o indivíduo adulto, quando ela mesma mobiliza seus esquemas para interpretar a realidade”. Portanto, em sala de aula, no cotidiano escolar, o educador precisa realizar a comunicação entre o pensamento, os sentimentos e a ação realizada pelo educando. A inclusão/exclusão do educando dependerá do desenvolvimento do processo afetivo, da inter-relação entre educador/educandos e da cumplicidade estabelecida no favorecimento da autoconfiança e da autoestima de ambos. A autoconfiança e a autoestima são fortalecidas quando existem segurança e o autoconhecimento das decisões que serão tomadas em sala de aula.

Corroborando as afirmações do autor, afirmamos que é primordial a relação entre afetividade e a construção do conhecimento, bem como a contextualização desse conhecimento na

cultura do educando, transformando significativamente o mesmo. Aprender a aprender é uma capacidade de intervenção ativa e de mediação entre as situações ocorridas externamente e as atitudes desenvolvidas pelo educando. Ensinar a pensar é proporcionar o desenvolvimento de habilidades que provoquem a utilização do conhecimento em busca da transformação da realidade. Estimular a criatividade leva ao movimento do pensamento, em uma busca dialógica com a descoberta, no exercício de perseguir o saber, via imaginação, intuição e emoção.

## **INCLUSÃO ESCOLAR: ALGUMAS CARACTERÍSTICAS**

O mundo convive com modificações diárias. Essas modificações impulsionam alterações nas instituições sociais, como a escola. Novos paradigmas surgem, tendo em vista a inclusão escolar. Assim, a escola necessita trabalhar as diferenças, para que enriqueçam o aprendizado de todos, deficientes ou não. A diferença é normal, é identidade de cada ser humano. A diferença é produzida diariamente. A diferença é o estereótipo, o arquétipo atual. Neste artigo, temos como foco tratar todas as crianças com suas particularidades e diferenças, que mostram o nível de desenvolvimento de cada uma, e que fazem cada uma ter sua singularidade dentro da pluralidade encontrada em sala de aula, no cotidiano escolar. Pensando assim, acreditamos que existe a possibilidade de interferência de outra pessoa para o desenvolvimento ou não do educando, e procuramos na afetividade o elo que favorece a interação social, no ambiente escolar, em especial na sala de aula, em que o educador é o mediador e o facilitador da sociabilidade do educando.

De acordo com (MOYSÉS E COLLARES, 1993, p.13), “o cotidiano escolar é permeado de preconceitos, juízos prévios sobre os alunos e suas famílias, que independem e não são abalados por qualquer evidência empírica que os refute racionalmente”. Esse cotidiano é vivenciado em sala de aula e no ambiente escolar, prejudicando a aprendizagem do educando. Um educador que venha imbuído pelo espírito de que tal educando é “assim ou assado”, já o vê com outros olhos. Essas opiniões, apreciações prévias, passadas entre os educadores distorcem a realidade e podem provocar a exclusão do educando do sistema educativo. São pré-conceitos impregnados no imaginário coletivo e pessoal escolar. De acordo com (MATOS, 2007, p.33), ter preconceito “significa formar no espírito uma ideia que se imagina como sendo verdadeira. Significa formar um conceito ou uma opinião antes de ter os conhecimentos adequados” sobre o educando.

O termo inclusão significa que todas as crianças devem ser colocadas na vida social e educacional da escola, sem terem sido excluídas antes pelo sistema educacional. Significa fazer

algo para que elas permaneçam na escola. Incluir requer considerar peculiaridades, requer cruzamento de culturas, requer olhar a singularidade de cada um dentro da pluralidade, requer olhar a parte no todo e o todo na parte. Implica, ainda, considerar as crenças, mitos e valores da cada um, bem como considerar as emoções envolvidas no relacionamento.

A educação inclusiva foi tratada, pela primeira vez, na Declaração de Salamanca em 1994, em que afirmava que: “todas as escolas devem acomodar todas as crianças independentemente de suas condições físicas, intelectuais, emocionais, linguísticas ou outras”. O que significa ter deficiência ou não, o importante é a permanência na escola. No Brasil, a Constituição de 1988, em seu artigo 208, garante atendimento educacional especializado às pessoas com deficiência. A LDBEN 9394/96, no capítulo V referente à educação especial, define-a como “a modalidade de educação escolar, oferecida para educandos com necessidades especiais”. As Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, de 2001, definem as normas a serem seguidas pelo sistema de ensino para a educação inclusiva. Todas essas leis são destinadas preferencialmente para pessoas com necessidades especiais, relegando a inclusão dos excluídos pelo sistema educativo.

A declaração de Salamanca (1994) afirma que “toda criança possui características, interesses, habilidades e necessidades de aprendizagem que são únicas”. Afirma ainda que: “deve ser dada oportunidade de atingir e manter o nível adequado de aprendizagem”. Aqui, não estamos tratando “só” de pessoas com necessidades especiais, mas de todas as crianças. A adequação da aprendizagem se faz pelo caminho da integração, da solidariedade, da segurança e da confiança que resultará em resultados de sucesso e de progresso, possibilitando a permanência na escola. Se cada criança é única, então, possui uma singularidade dentro da diversidade encontrada em sala de aula. A inclusão das crianças excluídas carece ser feita pelo domínio afetivo, mostrando que é possível ter sucesso e aprender, que é possível construir o saber tendo como base o conhecimento trazido por ela e pela comunidade local.

A educação inclusiva constitui-se sob a ótica da teoria sócio-construtivista do desenvolvimento de Vygotsky, a qual defende a ideia de que o educando, para construir seu conhecimento, necessita de interações sociais apropriadas, o que envolve a afetividade. Vygotsky (*apud* TAILLE, DANTAS e OLIVEIRA, 1992, p.76) afirma que o pensamento “tem sua origem na esfera da motivação, a qual inclui inclinações, necessidades, interesses, impulsos, afeto e emoção. Nesta esfera, estaria a razão última do pensamento e, assim, uma compreensão completa do pensamento humano só é possível quando se compreende sua base afetivo-volitiva”. Assim sendo, a afetividade é extremamente importante para a inclusão escolar.

Para Gotti (1998), a inclusão escolar não tem, somente, a finalidade de incluir os educandos com problemas físicos, mentais ou com características de superdotação, mas precisa incluir, também, o aluno “normal”, que é privado de estar em um ambiente escolar, que não tem acesso às escolas por uma cadeia de questões sociais, econômicas e culturais. Existe uma intersecção entre a educação escolar de qualidade e a educação inclusiva. Ambas buscam modificações necessárias para que todas as crianças participem do processo educativo e não sejam excluídas. Para que isso aconteça, necessitamos modificar padrões e comportamentos. Mudar papéis e responsabilidades, aproximando o educador do educando para perceber suas necessidades e dificuldades. Transformar a avaliação em um momento dialético em direção ao crescimento de ambos, educador e educando, o que acarreta compromisso, tanto do educador para o desenvolvimento da ação pedagógica crítica e reflexiva, quanto do educando para o crescimento cognitivo e afetivo.

## **A AFETIVIDADE E A APRENDIZAGEM**

Diante dessa perspectiva, o professor se torna fundamental para a aprendizagem dos alunos, sendo a afetividade um dos elementos que influenciam esse processo. A afetividade, de acordo com (ANTUNES, 2006, p.5) é:

Um conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções que provocam sentimentos. A afetividade se encontra “escrita” na história genética da pessoa humana e deve-se a evolução biológica da espécie. Como o ser humano nasce extremamente imaturo, sua sobrevivência requer a necessidade do outro, e essa necessidade se traduz em amor.

Para esse mesmo autor, a aprendizagem é uma mudança comportamental que resulta da experiência, é, portanto, uma forma de adaptação ao ambiente.

Considerando a importância das interações sociais no contexto da educação, (OLIVEIRA, 1999, p.11), baseando-se em uma perspectiva vygostskiana, diz que o indivíduo internaliza o conhecimento através da interação com outros indivíduos e objetos existentes no seu ambiente sócio-histórico.

Ressalta a importância da mediação como condição necessária no processo de ensino e aprendizagem. A criança adquire as habilidades essenciais para sua sobrevivência na interação afetiva com as pessoas de seu contexto sociocultural, demonstrando assim, a importância da afetividade na aprendizagem geral. Este mesmo autor entende que o professor deve ter empatia,

sensibilidade para perceber qual é a atividade mais adequada àquele momento e à realidade do aluno.

Além disso, o sucesso do encontro exige motivação das partes envolvidas, requer momento e locais favoráveis e que o assunto a ser abordado seja condizente com pelo ritmo individual de cada aluno. Seguindo a mesma perspectiva, (DANTAS, 1994, p.79) enfatiza que é preciso haver empatia entre professor e aluno, pois isso favorece o aparecimento de uma simpatia mútua entre ambos.

O professor deve ter claro que o processo de ensino e aprendizagem é uma via de mão dupla, um vai-e-vem dele para o aluno e do aluno para ele. Ele ensina, porém seu aluno também possui saberes que o professor nem sempre possui.

Fica assim caracterizado o movimento da troca. Buscar, portanto, uma maior aproximação afetiva com o aluno, também através do diálogo e até mesmo, citando seu nome algumas vezes e fazendo perguntas, entre outras manifestações de interesse, mostra uma atitude afetiva para com ele, o que, de certa forma, faz o aluno se sentir motivado para realizar as atividades escolares. (DANTAS, 1994, p.65) também ressalta que a afetividade influencia na construção do conhecimento, pois o tempo, no qual a aprendizagem de conteúdos se processa, depende do clima afetivo na sala de aula.

O professor deve se relacionar afetivamente com seus alunos para que não se sintam desmotivados, dificultando assim a aprendizagem do mesmo. Dando ênfase ao importante papel desempenhado pela escola no desenvolvimento das crianças, (WADSWORTH, 1997, p.65) assinala que Piaget refere-se ao importante papel do afeto no desenvolvimento intelectual, uma vez que, paralelamente ao desenvolvimento cognitivo, acontece o desenvolvimento afetivo.

É impossível encontrar aspectos do desenvolvimento que sejam apenas cognitivos ou apenas afetivos, pois todo comportamento apresenta os dois elementos.

## **A AFETIVIDADE POSITIVA E A INCLUSÃO ESCOLAR**

A afetividade é algo extremamente complicado de gerir. Ela medeia entre o bem-estar e o mal-estar. Neste artigo, tomamos como afetividade positiva aquela que permite a escuta empática<sup>4</sup>, o que significa reformular as falas do outro no intuito de compreendê-lo; devolvendo-lhe aquilo que concerne essencialmente à sua afetividade, em um confronto consigo mesmo, forçando-o a

rever seu caminho para chegar à solução de um problema. É um refletir sobre si mesmo. É o autêntico “conheça a ti mesmo” de Sócrates.

A gestão da afetividade positiva proporciona prazer e alegria, bem como predispõe a reagir, em diferentes situações, adequadamente. O educador pode dar apoio ao educando, ajudando-o a superar os bloqueios emocionais com relação a uma determinada disciplina. Outros sim, o educador possibilita a identificação e gestão das emoções nocivas à aprendizagem.

De acordo com (CHABOT & CHABOT, 2008, p.131):

Um dos papéis do educador emocionalmente inteligente consiste em estimular as competências emocionais de seus alunos. [...] O professor deve, pois, utilizar meios que permitam ao aluno sentir as coisas que aprende. Deverá então encontrar o modo de estimular seu lóbulo pré-frontal esquerdo, a fim de aperfeiçoar seu bem-estar emocional. Poderá, conseqüentemente, solicitar e estimular todas as competências emocionais do aluno.

O bem-estar emocional proporciona, ao educando, estabelecer a ligação entre o que é ensinado e os sentimentos que favorecem o “sentir” o aprender. A atividade afetiva intensa faz com que o educando se volte para si e consiga desenvolver sua inteligência emocional, o que possibilita emergir a atenção, a motivação, o engajamento e, acima de tudo, o interesse em aprender.

O educador necessita tornar-se um educador empático, pois poderá perceber os sinais dados pelo educando e reverter os aspectos negativos em positivos e efetivamente ensinar. Assim, concordamos com GOLEMAN (*apud* CHABOT & CHABOT, 2008, p.141):

os indivíduos empáticos sabem ouvir os inúmeros sinais emocionais e isto faz com que sintam as emoções não explícitas de uma pessoa ou de um grupo. São capazes de ouvir com atenção e de compreender a perspectiva do outro. Um indivíduo dotado de empatia não terá dificuldades para enten-der-se com pessoas de meios diversos e de outras culturas.

Dessa forma, o educador torna possível a afetividade positiva, compreendendo a diversidade contida em seus alunos e favorecendo o “cruzamento de culturas” (PÉREZ GÓMEZ, 2000), tão necessário à aproximação, à permanência e ao interesse em aprender em um ambiente escolar. Esse cruzamento provoca e evoca tensões, contrastando significados que relegados, podem levar ao abandono escolar. O educando torna-se agressivo, violento ou apático, medroso, por não compreender os significados não contextualizados em sua cultura de origem.

De acordo com (CANDAU, 2000, p.68), “mudam as culturas sociais de referência, mas a cultura da escola parece gozar de uma capacidade de se autoconstruir independentemente e sem

interagir com esses universos”, permitindo conceber que a escola com sua cultura aja sem promover o diálogo com as diferentes culturas existentes em seu contexto. Ainda em (CANDAUI 2000, p.68), temos que “é possível detectar um congelamento da cultura da escola que, na maioria dos casos, a torna estranha aos seus habitantes”. Entretanto, nova abertura se faz para intermediar o diálogo entre escola e comunidade. Manifestações culturais locais e regionais estão no interior do ambiente escolar, constituindo um saber que produz e é produzido no intercâmbio entre os pares que constituem a cultura escolar. Havendo essa abertura, ocorre o bem-estar afetivo nos participantes da comunidade escolar, entre eles o educando e o educador.

O pertencimento a uma cultura, o respeito às diversidades encontradas na singularidade de um grupo e a valorização das potencialidades de cada um trazem resultados positivos e estimulam a permanência na escola, diminuem o índice de reprovação, promovendo alternativas de consolidação da inclusão escolar.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Entendemos o conceito de inclusão escolar como na declaração de Salamanca, não restrito á perspectiva das pessoas com deficiência, mas, como forma de incluir qualquer educando no ambiente escolar, com suas características, possibilidades e habilidades. Pensando assim, buscamos na afetividade o caminho para a inclusão de educandos que foram excluídos pelo processo educativo. A inclusão escolar possibilita incluir o educando com qualquer tipo de déficit, seja físico, motor ou cognitivo no sistema educativo, garantindo sua permanência e a aquisição dos conhecimentos necessários a sua inclusão social. A afetividade é um caminho para incluir qualquer educando no ambiente escolar. É a mediadora entre a aprendizagem e os relacionamentos desenvolvidos em sala de aula, na busca da inclusão de qualquer educando à escola.

Entendemos a diferença como a especificidade de cada um, em seus múltiplos e complexos comportamentos. Entendemos, ainda, a diferença como o vivido de cada um, em sua realidade social e cultural. Entendemos, mais ainda, que a permanência do educando na escola depende da aceitação, da motivação e da autoconfiança que ele percebe, quando entra no ambiente escolar. Esses fatores e tantos outros podem facilitar a permanência e a aprendizagem. O domínio afetivo possibilita o desenvolvimento das relações afetivas, permitindo que acontecimentos exteriores – quando positivos – dirijam o comportamento dos educandos, para que assumam o compromisso com a sua aprendizagem.



O educador necessita mostrar ao educando como ele é importante – estamos falando de qualquer aluno, seja ele com deficiência ou não, mostrar o sentido da vida dele para a transformação da realidade e a necessidade da contribuição dele para a melhoria dessa realidade. A inclusão escolar carece ser tratada como a permanência em sala de aula, pela gestão da afetividade no cotidiano escolar. A gestão das emoções induz à ação e à reação, adequadamente, diante de situações propostas, na busca da resolução e compreensão dos resultados, estimulando o aprender. As relações interpessoais, as trocas e a cooperação auxiliam o trabalho em sala de aula e possibilitam o intercâmbio entre as pessoas envolvidas, experimentando, assim, as emoções e os sentimentos em uma relação de prazer e de alegria.

Sabemos que o domínio afetivo é altamente contagioso, pois é visível, é exterior, manifestando-se pelas expressões faciais. Aspectos como a comunicação, que desenvolve a escuta, a empatia e o entusiasmo; como a motivação, que eleva o interesse, o engajamento e a confiança; como a autonomia, que permite a criatividade, flexibilidade e a capacidade de adaptação; como a gestão de si, que permite autocontrole, perseverança, paciência e otimismo, proporcionam uma aprendizagem significativa e estimulam a inteligência emocional para essa aprendizagem.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola: Dicionário de filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ALMEIDA, Ana Rita da Silva: O que é Afetividade? Reflexões para um conceito. 1999. Artigo Capturado no site [www.educacaoonline.pro.br](http://www.educacaoonline.pro.br), em 22/02/19 às 21h33min.

\_\_\_\_\_A emoção na sala de aula. SP: Papyrus, 4a ed., 2004. Coleção Papyrus Educação.

ANTUNES, Celso. A afetividade na escola: educando com firmeza. Londrina: Maxiprint, 2006.

ARANTES, V. A.: A afetividade no cenário da educação. In: OLIVEIRA, M. K. de, SOUZA, D. T. R., REGO, T. C. (Orgs.): Psicologia, Educação e as temáticas da vida contemporânea. São Paulo: Moderna, 2002.

BOSSA, Nádya Aparecida: Dificuldades de aprendizagem: O que são? Como tratá-las? Porto Alegre: ArtMed, 2000.

BRASIL/MEC/SEB: Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL/MEC: Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União. Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: <http://www.senado.gov.br/legbras>. Acesso em: 18 jun. 2019.

BRASIL: Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL/MEC/SEESP: Declaração de Salamanca. Brasília. MEC/SEESP, 1994. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2019.

\_\_\_\_\_. Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Brasília. MEC/SEESP, 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/diretrizes.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2019.

CANDAU, Vera Maria: Reinventar a escola. Petrópolis: Vozes, 2000.

CHABOT, Daniel & CHABOT, Michel: Pedagogia emocional: sentir para aprender. Trad. Diego Ambrosini e Juliana Montoia de Lima. SP: Sá, 2008.

CODO, Wanderley (coord.) & GAZZOTTI, Andréa Alexandra: Educação, carinho e trabalho. 3ª ed. RJ: Vozes, 2002.

CUNHA, Eugênio: Afeto e aprendizagem: relação de amorosidade e saber na prática pedagógica. RJ: Wak, 2008.

\_\_\_\_\_. Afetividade na prática pedagógica: educação, tv e escola. RJ: Wak, 2007.

CURY, Augusto Jorge: Treinando a emoção para ser feliz. SP: Academia de Inteligência, 2001.

DANTAS, Heloysa. Afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon. In: DE LA TAILLE, Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.

DELL'AGLI, B.; BRENELLI, R.: A afetividade no jogo de regras. In: SISTO, F.; MARTINELLI, S.: Afetividade e Dificuldades de Aprendizagem: uma abordagem psicopedagógica. 1ª ed. São Paulo: Vetor, 2006.

FREIRE, Paulo: Educação e mudança. Trad. Moacir Gadotti e Lillian Lopes Martin. 28ª ed. RJ: Paz e Terra, 2005. Coleção educação e Comunicação. Vol. 1.

\_\_\_\_\_. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 28ª ed. SP: Paz e Terra, 2003. Coleção Leitura.

FREITAS, Nilson Guedes de: Pedagogia do amor: caminho da libertação na relação professor-aluno. 4ª ed. RJ: Wak, 2008.

GOLEMAN, Daniel: A inteligência emocional: a teoria revolucionária que define o que ser inteligente. RJ: Objetiva, 1996.

GOTTI, M.: Integração e inclusão: nova perspectiva sobre a prática da Educação Especial. In: MARQUEZINE, M. et al. (Coord.): Perspectivas multidisciplinares em Educação Especial. Londrina: UEL, 1998.

GUHUR, Maria de Lourdes Periotto: A manifestação da afetividade em sujeitos jovens e adultos com deficiência mental: perspectivas de Wallon e Bakhtin. Revista Brasileira de Educação Especial, vol.13, nº 3, Marília. São Paulo, Set-Dez.2007. p.381-398

MAHONEY, Abigail Alvarenga & ALMEIDA, Laurinda Ramalho de: Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henry Wallon. Revista Psicologia de Educação. São Paulo, nº 20, p.11-30, 1º sem. 2005.

\_\_\_\_\_A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon. Edições Loyola: São Paulo, 2004.

MATTOS, Sandra Maria Nascimento: O educador oculto: em busca do imaginário pedagógico na prática docente. Petrópolis, UCP, 2007. Dissertação de Mestrado.

MATURANA, Humberto: Emoções e Linguagem na Educação e na Política. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

MELLO, Guiomar de Nano: Educação e sentimento: é preciso discutir essa relação. Revista Nova Escola, out/2004.

MONTE-SERRAT, Fernando: Emoção, afeto e amor: ingredientes do processo educativo. São Paulo: Academia de Inteligência, 2007.

MOYSÉS, M. & COLLARES, C.: Alfabetização: passado, presente, futuro. Revista Idéias. São Paulo: nº 19, 1993.

OLIVEIRA, Marta Kohl. Vygotsky - Aprendizado de desenvolvimento: um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 1999.

PÉREZ-GÓMEZ, A. I.: Ensino para a compreensão. In: GINEMO SACRISTÁN, J e PÉREZ-GÓMEZ, A. I. (orgs.): Compreender e transformar o ensino. Porto Alegre: Artmed, 2000.

\_\_\_\_\_La cultura escolar en la sociedad neoliberal. Madrid: Morata,2001.

PIAGET, Jean: A Representação do Mundo na Criança: com concurso de onze colaboradores. Aparecida, São Paulo: Idéias & Letras, 2005.

RIBEIRO, Marinalva Lopes e JUTRAS, France: Representações sociais de professores sobre afetividade. Revista Estudos de Psicologia, nº 23, vol. 1, jan/mar de 2006. p.39-45.

SALTINI, Cláudio J. P.: Afetividade e inteligência. 5ª ed. RJ: Wak, 2008.

TAILLE, Yves De La; DANTAS, Heloisa & OLIVEIRA, Marta Kohl de: Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. SP: Summus, 1992.

TOGNETTA, Luciene Regina Paulino & ASSIS, Orly Zucatto Mantovani de: A construção da solidariedade na escola: as virtudes, a razão e a afetividade. Educação e Pesquisa, vol.32, nº 1, São Paulo, jan/abr de 2006. p.51-66.

VYGOTSKY, L. S.: A Formação Social da Mente. São Paulo. Martins Fontes, 1989

WADSWORTH, Barry J. Inteligência e Afetividade da Criança na Teoria de Piaget. 5ªed. São Paulo: Pioneira, 1997.

WALLON, H.: A evolução psicológica da criança. Lisboa: Ed. 70, 1978.

WEBER, Marisa Regina & AVIZ, Denise Stollmeier de: A afetividade na aprendizagem: a importância do educador, da família, da escola e o papel da afetividade na alfabetização. Revista de divulgação técnico-científica do ICPG. Vol. 3, nº 9, p.135-138, jul-dez/2006.

WERNECK, Claudia: Ninguém mais vai ser bonzinho, na sociedade inclusiva. RJ: WVA, 1997.

ZAZZO, R.: Wallon, psicólogo da infância. In: WALLON, H.: A evolução psicológica da criança. Lisboa: Ed. 70, 1978.